

AMBIENTE VIRTUAL DE ARTE-EDUCAÇÃO AMBIENTAL



A Pré-História e sua Arte



Michelle Coelho Salort
Maria Cristina Pastore

MICHELLE COELHO SALORT
MARIA CRISTINA PASTORE

A PRÉ-HISTÓRIA E A SUA ARTE

1º edição

Rio Grande
Michelle Coelho Salort
2018

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
Informações concedidas pelo autor

Salort, Michelle Coelho

S175p

Ambiente Virtual de Arte-Educação Ambiental : A Pré-História e sua Arte. / Michelle Coelho Salort ; Maria Cristina Pastore. 1. Ed. – Rio Grande: Ed. Michelle Coelho Salort, 2018.

20 p. ; il.

Inclui bibliografia.

1. Pré-História. 2. Rio Grande do Sul. 3. Índios.

4. Arte Riograndina. I. Pastore, Maria Cristina. II. Título

ISBN 978-85-924820-4-6

CDD 709.01

Bibliotecária responsável: Paula Simões – CRB 10/2191

A Pré-História e sua Arte

Diante da pergunta *“Quais seriam as nossas origens?”* você poderia responder que “Rio Grande tem uma colonização portuguesa, com certeza”. Entretanto, quando o Brigadeiro José da Silva Paes enfrentou a “Barra diabólica” e chegou à nossa cidade fundando o forte Jesus-Maria-José em 1737, nesta terra já havia uma população com sua cultura. Mas, erroneamente, pensamos nos portugueses como primeiros habitantes de nossa região: lembramo-nos de imediato do imigrante, das contribuições de povos europeus, da gastronomia, das danças e dos rituais religiosos. Quando falamos em Rio Grande do Sul, em sua história, em seu povo e suas características, pensamos no tradicional gaúcho campeiro, no chimarrão e na música tradicionalista. São símbolos do nosso estado conhecidos nacional e internacionalmente.

**Mas e antes? Como eram as populações que já andavam por aqui?
Que evidências históricas encontramos dos nossos antepassados?**

Vamos descobrir?

O que é pré-história? O que separa a Pré-História da História?

Segundo os estudiosos, essa separação ocorre entre os povos que desenvolveram uma forma de escrita e os que ainda não dominavam esses códigos. Assim, antes da invenção da escrita, o ser humano já produzia arte, como esculturas, pinturas nas paredes das cavernas, cerâmica, entre outras manifestações de cunho artístico.

A Arte no período Paleolítico

Nossos ancestrais começaram a habitar a Terra sobre os dois pés há mais ou menos dois milhões de anos, porém, encontramos indícios de sua passagem, 600 mil anos mais tarde. Esses seres humanos eram nômades, habitavam cavernas e grutas, viviam da subsistência da caça e da coleta. Só tomamos conhecimento de sua passagem pelo nosso planeta quando observamos os utensílios que eles deixaram (JANSON; JANSON, 1996).

Os símios sempre utilizaram uma vara para derrubar bananas. Entretanto, existe uma diferença entre *usar* um utensílio e *fabricá-lo*. A fabricação de um utensílio é algo bem mais complexo, que exige pensar sobre algo, ou seja, uma vara como um apanhador de frutas ou uma pedra como triturador de ossos. Ao agir dessa forma, o ser humano começou a desenvolver a capacidade de associar *forma* e *função*, a classificar os objetos que julgava mais adequados à determinadas atividades e, ainda, a tentar melhorá-los, como se vê com as pedras que foram desbastadas para aperfeiçoar sua forma de modo a aprimorar sua utilidade (JANSON; JANSON, 1996).

Dessa forma, é nos últimos estágios do Paleolítico (Idade da Pedra Lascada), há cerca de 35 mil anos, que foram feitas as primeiras “obras de Arte”. Entretanto, tais objetos não eram feitos com essa finalidade, mas sim, como um ritual de magia.

As obras mais impressionantes do Paleolítico são as pinturas rupestres (do latim, rocha), ou seja, as pinturas feitas nas paredes das cavernas, como as de Chauvet e Lascaux, na França, e de Altamira, na Espanha.

Uma das características dos desenhos do Paleolítico é o *naturalismo*, isto é, o sujeito fazia seus desenhos e pinturas da forma como observava o mundo, da forma mais natural possível. Segundo Proença (2010), uma das explicações para essa forma de retratar tudo com naturalidade é que essa arte era realizada por caçadores como parte de rituais de magia. Nessa linha de pensamento, o pintor-caçador poderia acreditar que, ao “aprisionar” a imagem do animal,

também poderia aprisioná-lo na vida real, tendo poder sobre ele. Assim, se o representasse mortalmente ferido no desenho, conseguiria abatê-lo na vida real. Entretanto, esta é só uma hipótese, pois não há como comprová-la (idem).

As primeiras pinturas deixadas por nossos antepassados nas paredes das cavernas eram muito simples e consistiam, basicamente, em traços feitos ou nas mãos em negativo (Figura 01).



Figura 01. Parede da caverna com mãos em negativo.

Fonte: <http://www.cuevadelasmanos.org/>

Com a dominação da técnica de “mãos em negativo”, em que o sujeito soprava com um canudo um pó triturado de rochas sobre sua mão encostada na parede, ele conseguia deixar o contorno da mão na parede, ou seja, uma imagem em negativo, como nos filmes antigos das câmeras fotográficas. Encontramos os desenhos e pinturas de animais, entretanto, o ser humano raramente é representado nesse período (PROENÇA, 2005).

As pinturas rupestres chegaram até os nossos dias porque eram feitas em partes mais profundas das cavernas, e não logo na entrada; seus locais eram quase escondidos em lugares mais escuros. Por isso, acredita-se que não existiam unicamente para enfeitar o interior de tais lugares: elas sugerem um

ritual de caça, e isso não se deve ao fato de serem realizadas em locais escondidos, mas pela forma desordenada que as imagens eram feitas umas sobre as outras (Figura 02), em uma mesma parede. Imagem e realidade parece confundir-se para o sujeito que vivia nesse período, pois, uma das possibilidades, como já vimos, é que ao desenhar um animal e matá-lo em suas imagens, o ser humano acreditava que isso também aconteceria na vida real. Outra possibilidade para as imagens parecerem tão reais, que não esteja ligado somente ao ato de *matar*, mas de *criar* animais, quando iniciou a escassez de animais que começaram a migrar para terras mais quentes (JANSON; JANSON, 1996).

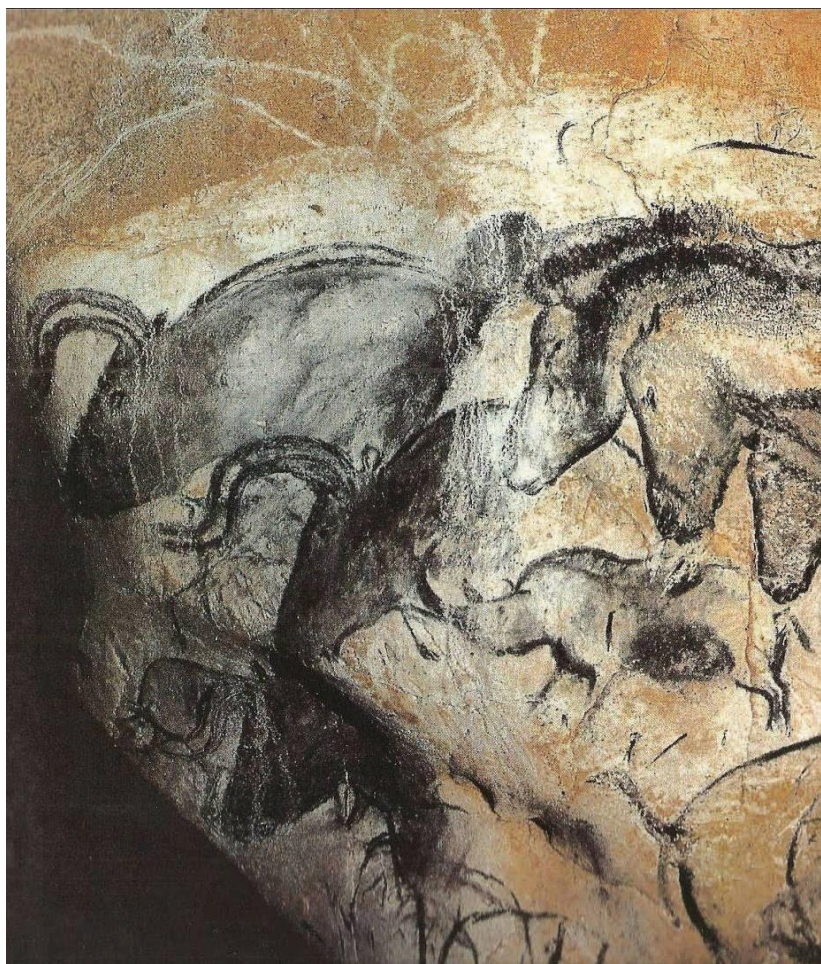


Figura 02. Pintura de rinocerontes e cavalos. Chauvet, França. 28.000 a.C.

Fonte: <http://archeologie.culture.fr>

Em Lascaux, encontramos bois, bisões, veados e cavalos que parecem se movimentar com rapidez. De alguns, encontramos somente o contorno, mas de outros, é possível ver que foram preenchidos com uma espécie de tinta brilhante (Figura 03).

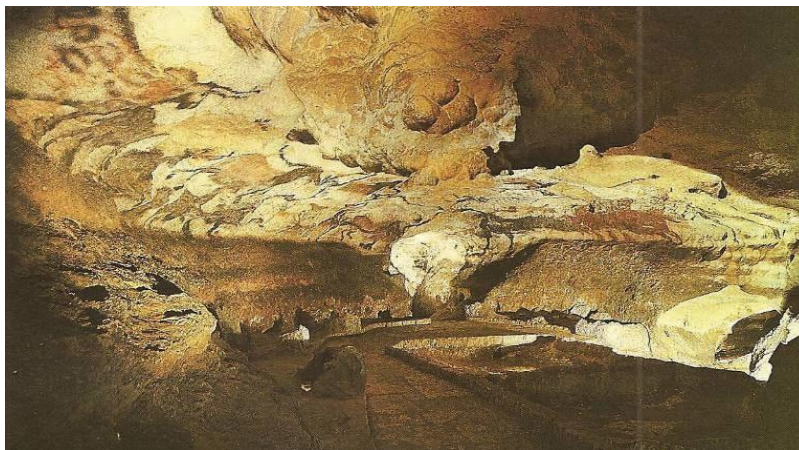


Figura 03. Caverna de Lascaux, França, 15.000-10.000 A.C.

Fonte: www.lascaux.fr

Os artistas da pré-história encontravam nas rochas das cavernas formas que fossem semelhantes ao contorno de algum animal, depois, delineavam essa forma com carvão. O volume das imagens ocorria de forma natural por meio das saliências das pedras enquanto as tonalidades eram obtidas a partir de torrões de ocre vermelha e amarelada que eram esfareladas até virarem pó. Para virarem “tintas”, esse pó era misturado à água, sangue, entre outros elementos aglutinantes, depois era aplicada nas paredes com pincéis de buchas de folhas, pele, etc. As imagens são representadas sempre de perfil e parecem flutuar no espaço, pois não existe nenhuma representação do ambiente (Figura 04) (STRICKLAND, 2002).

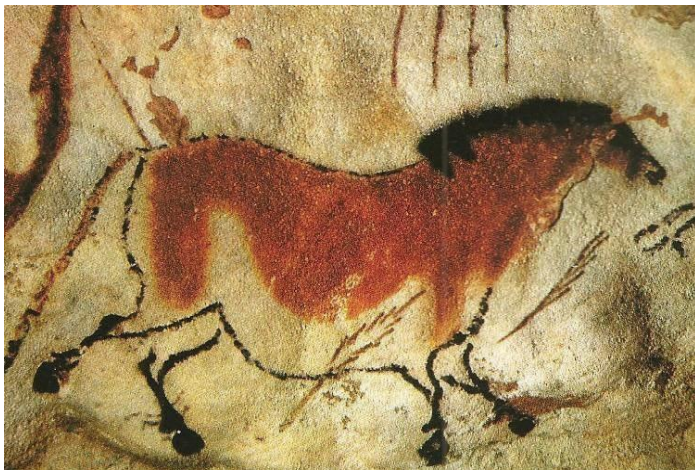


Figura 04. Cavalo, Lascaux, França, 15.000-10.000 a.C.

Fonte: www.lascaux.fr

Em Altamira, encontramos o Bisão ferido (Figura 05), a imagem do animal impressiona por seu *naturalismo*, ou seja, foi pintado a partir da observação, tentando representar a natureza diante se seus olhos; o animal caído e prestes a morrer apresenta uma postura de autodefesa com a cabeça para baixo. Quem o fez, tinha certamente, realizado uma observação intensa, pois o desenho apresenta traços seguros e vigorosos, um sombreamento que dá volume à figura (JANSON; JANSON, 1996).



Figura 05. Bisão ferido, Altamira, Espanha. 15.000-10.000 a.C.

Fonte: <http://www.mecd.gob.es>

Além da arte rupestre, o ser humano do paleolítico também construiu pequenas esculturas, em geral, do tamanho de sua própria mão; elas eram feitas de ossos, chifres ou pedras. Entre estas esculturas a “Vênus de Willendorf” (Figura 06), encontrada na Áustria, foi feita de pedra calcária, aproximadamente entre 25.000-20.000 a.C, e é uma estatueta com aproximadamente 11,1 cm de altura; representa estilisticamente uma mulher. Hoje, encontra-se no Museu de História Natural em Viena.

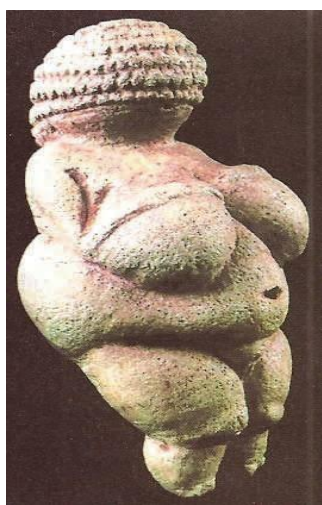


Figura 06. Vênus de Willendorf,
25.000-20.000 a.C.

Fonte: <http://www.nhm-wien.ac.at/en>

A Arte no período Neolítico

O Neolítico é o último período da pré-história e também é conhecido como Idade da Pedra Polida, uma vez que, nesse momento, produziam-se objetos por meio de pedras polidas por atrito. Na fabricação das armas, por exemplo, o atrito as deixava mais afiadas.

Nesse período, o ser humano deixou de levar uma vida nômade e começou a se fixar em determinados lugares, formando pequenas aldeias.

Mas o que levou a essa mudança tão radical, que influenciou inclusive a transformações na arte desse período? O ser humano aprendeu a cultivar seus alimentos através da agricultura e a domesticar os animais, com isso, ele não precisou mais migrar por diferentes regiões em busca de comida.

Assim, o ser humano do Neolítico desenvolveu várias técnicas, entre elas, aprendeu a tecer panos, a fabricar cerâmicas e a construir as primeiras moradias. Como já produzia o fogo por meio do atrito, começou também a trabalhar com a fundição de metais. Com tal mudança, agora o artista do período Neolítico passou a retratar a figura humana em suas atividades cotidianas, como a domesticação do gado (Figura 07).

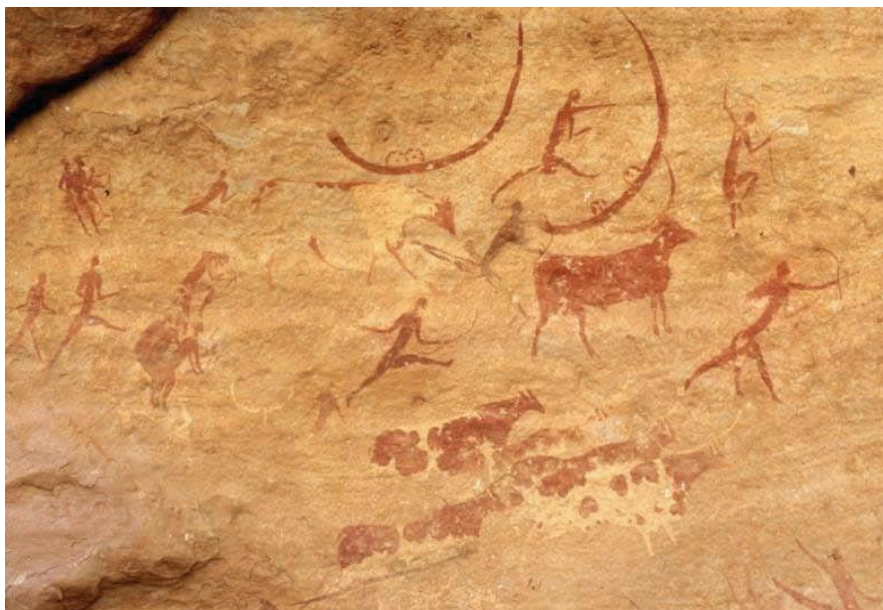


Figura 07. Pintura rupestre de pastores e gado em Sefar, montanha de Tassili, na Argélia. 5.000 a.C.

Fonte: <http://www.viajejet.com/wp-content/viajes/fotos-de-argelia-pinturas-rupestres-de-tassili-najjer.jpg>

As primeiras construções arquitetônicas também datam desse período e são denominadas *dolmens*, ou seja, duas ou mais pedras grandes fincadas verticalmente no chão, como se fossem paredes, e uma grande pedra colocada

horizontalmente sobre elas, à semelhança de um teto. O sistema é conhecido como pilar e viga que usa suportes verticais (pilares) atravessados por vigas horizontais. E ainda o menir, que era monumento megalítico, consiste em um único bloco de pedra fincado no solo em sentido vertical.

As primeiras formas de arquitetura não eram destinadas à moradia, mas para outras finalidades ainda em discussão, como o Stonehenge (Figura 08). Trata-se de um arranjo circular de pedras que foi construído ao longo de mil anos, provavelmente desde 3.000 a.C. A disposição das pedras está vinculada à observação astronômica, levando à hipótese de ter sido um calendário solar para prever as estações do ano e orientar a época ideal para o plantio (STRICKLAND, 2002).



Figura 08. Stonehenge, Wiltshire, Inglaterra. 2.000 A.C.

Fonte: <http://joaon.weblogs.us/2007/04/25/a-terra-vista-do-ceu/>

Através desses períodos cronológicos formadores da pré-história, percebemos o processo evolutivo do ser humano. Nesse sentido, reconhecer nossas origens no homem primitivo é conhecer o desenvolvimento de nossa gente e nossa terra.

A Pré-História em nosso município

A história do município do Rio Grande, em geral, é contada a partir da data de 1737, quando os primeiros colonizadores portugueses chegaram sob o comando do Brigadeiro José da Silva Paes, no entanto, estudos apontam que muito antes desse ano marcante nossa cidade já era habitada por povos caçadores, pescadores e coletores. Todavia, cometemos um erro ao deixar de fazer perguntas como: quais eram os povos que habitavam a região antes da colonização? Como viviam? Quais os indícios de sua existência eles nos deixaram? Existem manifestações artísticas desse período?

Segundo alguns estudos, o Rio Grande do Sul foi habitado há cerca de 10.000 anos a.C. Existem indícios de povos que acamparam à beira do rio Uruguai em abrigos do vale do Caí (SCHMITZ; NAUE; BECKER 2006).

Em nossa cidade, as primeiras ocupações humanas datam de 500 a.C. a 1750 d.C., as datas dos primeiros aos últimos cerritos. O **cerrito** constitui uma elevação em um terreno alagadiço próximo de lagoas e banhados, eles possuem uma forma circular, oval ou elíptica e são constituídos basicamente de areia, mas escondem restos de alimentos humanos. Eles podem chegar a 100 metros de diâmetro e 7 metros de altura (SCHMITZ; NAUE; BECKER 2006).

Nesse momento, a vegetação local oferecia muitas plantas para confecção de abrigos, como o junco, além da possibilidade de coleta de frutas, os bosques de jerivazeiros, que forneciam os coquinhos, as cactáceas (tunas e cactos de árvores) com frutos comestíveis entre outras espécies de alimentos prontos para serem coletados em épocas sazonais. Havia também animais terrestres como as capivaras, veados, preás, tatus e os ratões-do-banhado. Na primavera, ocorrem grandes migrações de peixes de fácil captura; no verão, existem crustáceos, aves, ovos e frutos. Tudo isso oferece e revela um

ambiente propício para caçar e coletar nas épocas mais quentes do ano (SCHMITZ; NAUE; BECKER 2006).

As antigas ocupações indígenas são encontradas hoje como pequenos cômodos de 30 a 125 cm da altura com área de 800 a 10.000 m². Possuem sedimentos de origem tanto animal como vegetal e sua forma é arredondada com a parte central mais alta do que as bordas. Nesses locais, há presença de ossos, soltos ou conglomerados, lugares de fogueiras, excepcionalmente covas ou sepulturas e apresentam também restos alimentares que revelam os hábitos dessas populações. Quando os sedimentos por baixo dos estratos arqueológicos são claros, podem-se observar evidências de estacas, com diâmetros de 7 a 8 cm, de antigas choças. Os resquícios da ocupação são principalmente cacos de cerâmica acompanhados de alguns poucos artefatos construídos de pedras, ossos ou conchas (Figura 09) (SCHMITZ; NAUE; BECKER 2006).



Figura 09. *Boleadeiras*

Fonte: Acervo Pessoal – José Alexandre Ferreira da Costa

Os sítios mais antigos têm as camadas mais profundas pré-cerâmicas, e, sobre elas, estratos cerâmicos; como os vasilhames deste grupo são diferentes dos de outros ceramistas do Rio Grande do Sul, eles receberam um nome próprio: tradição ceramista Vieira. Vieira é o local em Rio Grande onde Schmitz e Brochado (1966) encontraram o referido material. Dessa forma, nos sítios mais recentes, existe, além da cerâmica de tradição Vieira (Figuras 10 e 11), a cerâmica de tradição Tupi-Guarani (Figura 11).



Figura 10. Centro Municipal de Cultura – Acervo Arqueológico, *Fragmentos da Cerâmica Vieira I.*

Fonte: Michelle Salort – Acervo Pessoal



Figura 11. Centro Municipal de Cultura – Acervo Arqueológico, *Fragmentos da Cerâmica Vieira II*.

Fonte: Michelle Salort – Acervo Pessoal

Acredita-se que a cerâmica Vieira tinha uma função utilitária na preparação dos alimentos como os peixes. No início, ela é praticamente sem decoração, feita com a técnica de placas; aos poucos, a superfície vai sendo aperfeiçoada com uma decoração feita com as polpas dos dedos. No final, aparece a impressão de cestaria (SCHMITZ; NAUE; BECKER, 2006).

Nos sítios arqueológicos em nossa cidade também foram encontrados cerâmicas atribuídas à tradição Tupi-Guarani, indicando que havia certa troca de artefatos entre as comunidades. A cerâmica Tupi-Guarani é mais elaborada que as da tradição Vieira e tem quatro tipos de decoração: a **corrugado**, feita com beliscões com a ponta dos dedos (Figura 12); a **ungulado**, feita com a utilização

da unha (Figura 13); a **corrugado-ungulado**, que é a mistura das duas decorações anteriores (Figura 14), ou seja, beliscões e pressão da unha e, por fim, a **lisa**, que é geralmente decorada com motivos geométricos (Figura 15).



Figura 12. Centro Municipal de Cultura – Acervo Arqueológico, *Fragmento de Cerâmica Tupi-Guarani - Corrugado.*

Fonte: Michelle Salort – Acervo Pessoal



Figura 13. Centro Municipal de Cultura – Acervo Arqueológico, *Fragmento de Cerâmica Tupi-Guarani - Ungulado.*

Fonte: Michelle Salort – Acervo Pessoal



Figura 14. Centro Municipal de Cultura – Acervo Arqueológico, *Fragmento de Cerâmica Tupi-Guarani – Corrugado-Ungulado.*

Fonte: Michelle Salort – Acervo Pessoal



Figura 15. Centro Municipal de Cultura – Acervo Arqueológico, *Fragmento de Cerâmica Tupi-Guarani – lisa, pintura geométrica.*

Fonte: Michelle Salort – Acervo Pessoal

Estes são alguns dos tesouros que nossos ancestrais nos deixaram. Eles nos revelam que antes da chegada dos portugueses, e depois, outros povos de origem europeia chegarem à nossa cidade, ela já era habitada por um povo que tinha sua cultura e seu modo de viver.

Você sabe onde encontrar todos esses tesouros? Estes objetos estão guardados no Núcleo de Arqueologia, que fica no Centro Municipal de Cultura (Figura 16). O Centro Municipal de Cultura também é um tesouro da nossa cidade, é um prédio histórico.

Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen foi construído em 1914 pelo Coronel Antônio de Souza e Silva, em estilo eclético com a inclusão de elementos estilísticos da cultura greco-romana como colunas, adereços, estátuas e arcos nas aberturas. A fachada é dividida em três partes, sendo a entrada principal localizada na parte central, que é recuada e possui uma escada de mármore, terminando em uma entrada com colunas da ordem compósitas. Foi sede câmara municipal e, atualmente, abriga a Secretaria de Município de Cultura e o Núcleo de Arqueologia (Figuras 16, 17, 18 e 19).



Figura 16. Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen, 2013.

Fonte: Michelle Salort – Acervo Pessoal

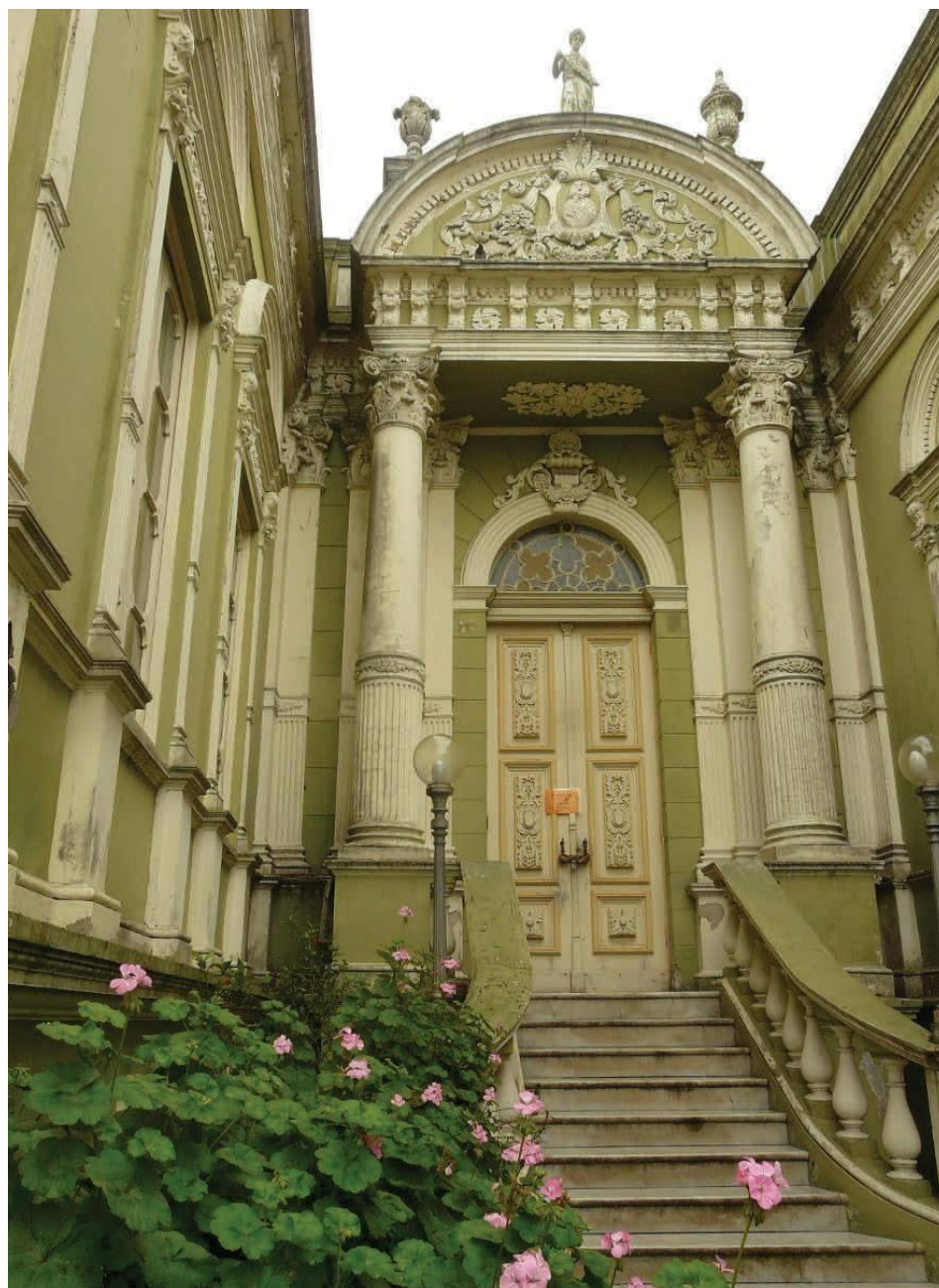


Figura 17. Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen (detalhe), 2013.

Fonte: Michelle Salort – Acervo Pessoal



Figura 18. Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen, 2013.

Fonte: Fonte: Michelle Salort – Acervo Pessoal

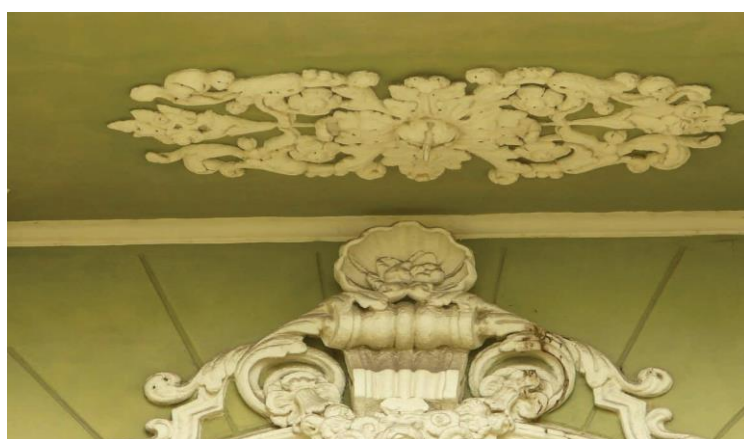


Figura 19. Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen (detalhe), 2013.

Fonte: Michelle Salort – Acervo Pessoal

Referências

BELL, Julian. Uma nova História da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GOMBRICH, E.H. *A história da Arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

JANSON, H.W.; JANSON, A.F. *Iniciação à História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PROENÇA, Graça. *Descobrimos a História da Arte*. São Paulo: Ática, 2005.

. *História da Arte*. São Paulo: Ática, 2010.

SCHMITZ, Pedro Ignacio; NAUE, Guilherme; BECKER, Ítala Irene Basile. Os Aterros dos Campos do Sul: a tradição Vieira. In: SCHMITZ, Pedro Ignacio (org.) *PRÉ-HISTÓRIA do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, 2006

STRICKLAND, Carol. *Arte Comentada – Da Pré-história ao Pós-Moderno*.

Trad. Ângela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

Sites

<http://www.caferiogrande.blogspot.com.br/>. Acessado em 27/10/2013.

<http://www.viajejet.com/wp-content/viajes/fotos-de-argelia-pinturas-rupestres-de-tassili-najjer.jpg>.
Acessado em 27/10/2013.

<http://joaon.weblogs.us/2007/04/25/a-terra-vista-do-ceu/>. Acessado em 27/10/2013.